

# SOBRE O FIM DE SEMANA

## ABOUT THE WEEKEND

*Heloisa Turini Bruhns<sup>1</sup>*

**RESUMO:** Este artigo pretende realizar uma reflexão sobre o fim de semana e suas relações com o descanso. Explora as contradições presentes na instituição desse descanso imposto pela sociedade industrial moderna, bem como busca elementos para introduzir a noção de preguiça como um componente interessante a ser introduzido na discussão do fim de semana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lazer. Fim de semana. Descanso.

A instituição do fim de semana mostra as muitas contradições não solucionadas do comportamento moderno em relação ao lazer... Queremos liberdade para relaxar, mas queremos que essa liberdade seja regular, semanal, pontual como um relógio.  
(Rybczynski, 2000)

Início este artigo com a epígrafe retirada da obra de Witold Rybczynski cujo título “Esperando o fim de semana” inspirou as idéias que aqui serão desenvolvidas. O autor, ensaísta e arquiteto, aponta como nossa vida é regida pela espera desses dois dias supostamente e originalmente pensados como possibilidade de descanso e passatempo. Porém, controvérsias e dúvidas permeiam o fim de semana, as quais podem ser identificadas quando indagamos se nesses dias nos livramos das obrigações e descansamos do trabalho ou se trabalhamos nos dias de semana para que possamos fazer algo no final de semana. Seriam dias descontraídos, com certa desobrigação ou dias para?

De acordo com o autor, os dias que consideramos nossos (sábado e domingo) transformaram-se em uma nova tarefa, pois o descanso cedeu lugar a uma intensa agenda de lazer, transformando a liberdade de não fazer nada na obrigação de fazer algo. Essa pressão do “fazer” pode ser notada na resposta das pessoas quando indagadas sobre como foi o final de semana: “Não fiz nada” ou “a mesma coisa de sempre” demonstrando frustração e desânimo.

---

<sup>1</sup> Professora Titular da Unicamp.

As idéias de ver-se livre das obrigações, livre da necessidade de ocupar-se, livre para o “nobre hábito de não fazer nada”, desligaram-se da concepção do final de semana. Nota-se a presença de alguma coisa mecânica nessa oscilação, criando um sentido de obrigação que interfere no descanso. A frequência de uma suposta parada a cada cinco dias, não combina com a idéia de liberdade pessoal e espontânea.

Essas questões são bastante instigantes nos conduzindo a refletir sobre as agendas de lazer, sobre as angústias geradas nesse processo, bem como sobre os sentimentos e percepções relacionadas às nossas experiências íntimas vividas nesses “dias inúteis” em contraposição aos dias “úteis” da semana. Tópicos que dentro da limitação desse artigo, tentarei desenvolver buscando contribuições que possam auxiliar nas reflexões e ações dentro da área de atuação e conhecimento que se constitui o lazer.

### As Agendas de Lazer

Hoje é sexta-feira chega de cansaço  
Nada de tristeza, pega uma cerveja  
E põe na minha mesa.  
(Música “Cerveja”, Leandro e Leonardo)

Em alguns estabelecimentos empresariais ou comerciais, tanto no nosso país, como fora, a sexta-feira (porta de entrada para o final de semana) é marcada por traços distintos, como pode ser verificado, por exemplo, através das roupas informais permitidas nesses estabelecimentos. Na Califórnia há a Sexta do Jeans e no Havai a Sexta Aloha, esta última marcada pelo uso de camisas coloridas (RYBCZYNSKI, 2000). No Brasil a prática das roupas descontraídas também vem se tornando frequente na sexta-feira.

Porém esse clima de descontração o qual supostamente marcaria todo o final de semana, logo sofrerá uma reversão na medida em que a lógica do trabalho passa a ser embutida no mesmo, muitas vezes com cobranças de resultados, regras excessivas e controles exagerados, junto com a necessidade de se fazer algo que justifique a folga semanal.

Posicionar a folga como uma antítese ou conseqüência dos dias de trabalho significa enfraquecer o seu sentido e sua essência, pois esta ficará reduzida a três palavras: parar de trabalhar, como discute Rybczynski (2000, p.58). Isto seria o mesmo que definir conforto como ausência de desconforto sem considerar o aspecto qualitativo presente nesses dois estados. Portanto, considerar a folga como um dia onde não se é obrigado a trabalhar é bastante diferente de descrevê-la como um dia onde não se trabalha.

Observamos algumas situações as quais poderiam ser revestidas com uma aura de tranquilidade transformada num fardo contendo o peso da cobrança de resultado.

Uma atividade tão simples como uma caminhada num final de semana pode sofrer essas pressões discutidas acima. Bill Bryson (1999) num livro de sua autoria relata sua caminhada pela Trilha dos Apalaches, o mais longo caminho para excursões a pé do mundo, que se estende por montanhas e florestas ao longo da costa leste dos EUA, da Geórgia ao Maine. Num certo momento dessa atividade, torna-se compreensível o alívio demonstrado pelo autor, quando ele e seu companheiro perceberam estar acima das forças percorrer toda a trilha, e se não podiam realizá-la totalmente, também não tinham essa obrigação e quanto mais pensava nessa idéia, mais a trilha se tornava atrativa. Como explica, era como se tivessem se livrado de um dever, afastando todo o trabalho penoso, os deveres tediosos, excêntricos e sem sentido de percorrer cada centímetro do terreno pedregoso. Podiam, enfim, se divertir.

A presença da lógica do trabalho irá se manifestar de diferentes formas dependendo da situação sócio-econômica dos envolvidos. Enquanto para alguns mais abastados (executivos, diretores, empresários) o final de semana torna-se um “prolongamento” do trabalho, para outros não privilegiados, esse período pode significar uma tremenda exceção ao trabalho e tentarão extrair desse momento tudo aquilo que têm direito, pois a idéia de “compra” do lazer está presente bem como o saldo do prazer que isto pode representar.

Para o grupo da elite econômica, parece não haver desligamento dos problemas das empresas ou comércios, bem como uma preocupação constante em aumentar o patrimônio, conduzindo-os a uma tentativa de transformar negócio em diversão, como se pode observar no seguinte depoimento extraído na pesquisa realizada por Forjaz (1988, p.101) sobre o lazer da elite empresarial paulistana:

Desenvolveu-se uma coisa curiosa em que o lazer quer dizer um certo descanso mental, é *mudar de atividade de trabalho*. Eu considero que meu principal lazer é quando eu, anteriormente e ainda hoje, deixo os trabalhos comerciais de uma grande sociedade anônima e vou cuidar dos problemas e vou trabalhar nas atividades rurais das propriedades particulares e das propriedades da própria empresa. Eu considero então, um sábado e um domingo de trabalho nas fazendas a minha principal fonte de lazer. (Grifo no original)

Desse depoimento, pode-se inferir a não-rigidez, existente nesse grupo social (como constatou a autora através da pesquisa), relativa à separação entre trabalho e lazer, os quais operam numa complementaridade: nota-se, ao mesmo tempo, uma grande valorização do trabalho-que adquire uma forte conotação embasada no componente prazer (justificando o grande tempo a ele dedicado) em oposição a uma concepção bíblica cristã tradicional, segundo a qual trabalho significa castigo ou expurgação do pecado<sup>2</sup>. É evidente, também, que esse trabalho

<sup>2</sup> Os valores atribuídos ao trabalho pelos empresários aproximam-se dos da ética protestante, desenvolvidos por Weber (1967)

difere muito daquele controlado por instrumentos disciplinadores como o relógio, situação na qual se deve cumprir determinado tempo e não determinada tarefa, onde os componentes, criatividade, imaginação e decisão geralmente se encontram obscurecidos.

Embora não excludentes nessa situação específica, tanto trabalho como não-trabalho mostram-se permeados pela lógica da produtividade, do rendimento e do lucro. Assim presencia-se uma tentativa de justificar produtivamente o tempo, de forma geral.

Nesse panorama, em que se perdeu o caráter gratuito – tudo devendo ser justificado pela utilidade, como também aceito pelos padrões morais instituídos, tanto gratuidade como informalização muitas vezes recebem o rótulo de vadiagem e ociosidade.

Passando para outro grupo sócio-econômico de baixa renda, vamos nos deter numa atividade praticada no final de semana, ou seja, a excursão de um dia para a praia, geralmente ocorrida no domingo, quando a grande maioria está de folga.

Vou explorar aspectos relacionados a essa atividade empreendida pelos intitulados “farofeiros”, na intenção de mostrar que, embora permeada pela mesma lógica do tempo-mercadoria, as manifestações dessa classe social exteriorizam-se diferentemente das do grupo anterior, não só pelas condições de vida, mas também pelos estigmas recebidos, bem como pelo imaginário presente na oportunidade de viajar, mesmo que por um dia, para usufruir um banho de mar. Para tal, vou me valer dos dados obtidos por Magnani (1984) e Macedo; Figueiredo (1986) em suas pesquisas desenvolvidas com esse grupo e essa atividade.

Macedo; Figueiredo (1986, p.62) chamam a atenção para o planejamento requerido por essa atividade, o qual envolve gastos e compromissos de longo prazo, exigindo dispêndio de energias e uma certa dose de sacrifício, obrigando o excursionista a tirar o maior proveito possível do evento, que talvez não se repita logo. Daí se notam os “excessos” como, talvez, resultado de uma expectativa de retorno de prazer tão paciente e trabalhosamente elaborada. Numa vida dura, cheia de sacrifícios, requerendo muita luta, a experiência do povo é marcada “por uma estranha capacidade de retirar das agruras uma perene alegria, que se projeta em esforços de, pelo menos de vez em quando, divertir-se e criar circuitos de felicidade”.

Noto uma clara relação com a questão da “compra” do tempo de lazer, da diversão, cujo retorno deve estar à altura dos gastos envolvidos, como dinheiro, energia, sacrifícios e um direito adquirido através de muito trabalho.

Resulta daí um empreendimento tão “caro” para determinada camada da população, a qual opõe de maneira radical a diversão ao trabalho, às vezes com retornos que pouco acrescentam em termos de satisfação. São eles os que experimentam a parte mais desagradável do trabalho, ou seja, esforço ou exercício físico ou mental desgastante sob ordens e vigilância, limitado e obrigado num tempo e espaço.

Não são como turistas individuais locomovendo-se, mas uma coletividade que se organiza e, em parte se auto-administra como possibilidade de ampliar as possibilidades de lazer. Assim a refeição é planejada, preparada e consumida coletivamente e alguns grupos levam seus “artistas” (violeiros, sanfoneiros), muitas vezes convidados a viajar gratuitamente, sendo suas despesas cobertas pelos restantes.

Esse tipo de programa geralmente se inicia no sábado à noite, ou menos freqüentemente, na madrugada de domingo. A partir das 4 horas da manhã já estão chegando a seu destino. Acompanhando uma excursão para Caraguatatuba (litoral norte do Estado de São Paulo), Magnani (1984, p.152) constatou como, às 4h30, dezena de ônibus já estava estacionada. O autor conclui que estar acordado a essa hora não é propriamente uma novidade para trabalhadores habituados a levantar cedo no seu cotidiano. Prossegue revelando não ser esse o momento de estar lembrando do emprego, nestes rápidos mas bem aproveitados momentos onde ocorre um afrouxamento das regras e das ordens, sem necessidade de exibir documentos.

Geralmente, logo na chegada, uma das primeiras providências é alugar uma cabine para trocar de roupa. Mesmo ainda no escuro, a praia já fervilha, pois não há “tempo a perder”, comprovado através de um programa intenso: futebol na areia, banho de mar, pescaria, caminhada pelas pedras, apreciar o movimento. Os “excessos” manifestam através de música alta (geralmente pagode), ingestão de álcool, de comida, etc.

O retorno ocorre por volta das 17 horas. Não há como escapar à “ineludível realidade do trabalho que, esquecido por algum tempo, retorna estabelecendo os limites do prazer” (MAGNANI, 1984. p.154).

No caso anterior dos empresários, a diversão tem uma relação com os negócios da empresa, com o reforço do status e, no caso dos “farozeiros”, uma relação muito presente com o desejo de distração, uma vez presente o sentido de “compra”e/ou “recompensa” no divertimento. Os primeiros aproximam-se mais da lógica do rendimento, do lucro relacionados com a manutenção e acumulação do patrimônio; os segundos, da lógica da necessidade de “fazer o máximo possível”. A diferença entre eles parece incidir no significado do que seja “produtivo”, ambos envolvidos pela concepção de tempo produtivo.

Angústias são geradas nesse processo quando contraria essa lógica, permanecendo os sujeitos sem uma referência que sustente a “inutilidade” do final de semana.

## A Angústia do Tempo “Perdido”

Não me deixe só  
Eu tenho medo do escuro  
Eu tenho medo do inseguro  
Dos fantasmas da minha voz  
(Música “Não me deixe só”, Vanessa da Mata)

As angústias ocorridas principalmente no Domingo, quando a oposição ao trabalho torna-se mais evidente manifestam-se, segundo meu ponto de vista, relacionadas a três elementos, os quais tentarei explorar um pouco: o estado de “estar só” ou a sensação do vazio; o sentimento de improdutividade e a imposição do descanso.

De Grazia (1966) enfoca a questão argumentando como perdemos a capacidade de exercitar nossas reflexões, o que exige certa tranqüilidade e paz, sem estarmos submetidos à pressão do tempo. Se não nos permitirmos um momento de interiorização atenta, não teremos oportunidade de saber muito sobre nós mesmos e sobre nossa relação com o mundo. Porém esse estado é perturbador e comumente não estamos preparados para enfrentá-lo numa sociedade onde o importante é estarmos ocupados. Lembrando Wilde (1995, p. 180), a sociedade nunca perdoa o sonhador e talvez a pergunta correta para conhecer um sujeito fosse: “O que pensa você?” Ao invés de “O que faz você?”.

De Grazia (BRUHNS, 2000) supõe ser possível avaliar a saúde interior de um país pela capacidade do seu povo não demonstrar inquietação ou perturbação em relação ao estado de “não fazer nada”, o qual pode ser exemplificado através das reuniões para conversar, do deambular sem finalidade alguma, sentar num jardim para observar o movimento, sentar para tomar um café, etc. Pois prossegue, quem permanece sereno nesse estado, deixando o pensamento vagar, deve estar em paz consigo mesmo. Se não está, logo se verá acossado por pensamentos inquietantes e fugirá, refugiando-se no álcool, no trabalho ou outra atividade.

Situações nos aproximando da imagem do flâneur, a qual Featherstone (2000, p.192) explora a partir dos escritos de Walter Benjamin. Aquela figura composta por um lado pelo preguiçoso ou pelo desperdiçador, e por outro, pelo observador ou o investigador; uma pessoa suspeita que está sempre olhando, analisando, “fazendo pesquisas no asfalto”, buscando uma imersão nas sensações da cidade e desenvolvendo uma sensibilidade estética nas oscilações entre envolvimento e distanciamento, entre imersão emocional e descontrole.

A interiorização (porque não produtiva) ganhou uma conotação negativa sempre relacionada à construção de idéias e pensamentos destrutivos (bobagens, sacanagens) e não construtivos. Sempre relacionada à vagabundagem, à preguiça e não à revisão de idéias, ao exercício da mente. Sem nos esquecermos, lembrando o belo “Fragmentos de um discurso preguiçoso” de Roland Barthes

(1995), o qual retomarei mais adiante, de que a preguiça pode ser uma resposta a uma repressão, uma tática subjetiva para assumir contrariedades e discordâncias.

Esse quadro vem somar-se à imagem de improdutividade presente no final de semana, à inutilidade em oposição à utilidade proveniente dos resultados do trabalho. E, trazendo Vaneigem (1995, p.63) numa sociedade industrial que confunde trabalho e produtividade, a necessidade de produzir sempre tem sido antagonica com o desejo de criar.

Muitas publicações acadêmicas, como argumenta De Grazia (BRUHNS, 2000), identificam as pessoas paradas (não trabalhando) como desorientadas, atacadas de pânico, inclinadas ao suicídio, à mutilação criminal e à rebelião.

O trabalho (que deveria ter um forte componente de emancipação, de realização, mas não tem) tornou-se um bem para todos os males, – um remédio para a dor, para a solidão, para a morte de um ente querido, para uma separação amorosa ou sobre dúvidas sobre a vida.

Por outro lado, a evasão do trabalho nunca é responsabilizada pela tentativa de fugir da monotonia, regularidade e/ou pressão, acarretadas pelo próprio trabalho. Procura-se justificar a evasão ou fuga como consequência de problemas sexuais, comportamentais ou sociais. Apesar de não podermos afirmar se é uma ou outra razão, o segundo motivo tende a prevalecer.

Daí podermos compreender a “neurose do domingo” como uma inquietude, a qual é atenuada nos dias da semana pelos horários mais determinados, pelas coisas concretas a fazer. Isso tranqüiliza as pessoas em relação à sua produtividade, sociabilidade e lugar na sociedade, as quais evitam uma análise qualitativa de suas próprias atividades.

A falta de estruturação do domingo possibilita a eleição e se não se tem um modelo a seguir pode conduzir à reflexão ou a tentações e posteriormente, a um sentimento de não saber como atuar, de existir sem metas. Se os dias sem trabalho aumentam, estes fenômenos também aumentam. Como coloca De Grazia (BRUHNS, 2000) os dias de trabalho giram ao compasso dos suspiros de alívio.

Refletindo com Rybczynski (2000), apesar de termos inventado o fim de semana e o aproximarmos ao paraíso, velhos tabus permanecem nos colocando pouco à vontade na relação do sagrado com o profano. Tensão conduzindo a uma certa culpa por não estarmos trabalhando e gerando o estranho sentimento por ter que fazer algo supostamente mais importante. Nós desejamos relaxar, mas temos medo.

Por outro lado, parece uma ironia que nossa oportunidade de relaxamento, de diversão, de passatempo, seja consequência direta da contagem de tempo e o “não fazer nada” perde o interesse quando não é opção e sim obrigação. Ser obrigado e se submeter a um descanso ou a uma pausa quando você sente que não está precisando ou não está desejando, parece ser bastante complicado.

Barthes (1995) discutindo sobre a preguiça, associa-a a uma forma de “não fazer nada” (sua forma filosófica), detectando alguns problemas relacionados a esse tema. Dentre eles, surge um problema sociológico, uma vez existindo tantas

manifestações de preguiças assim como tantas formas de trabalho, e talvez como tantas classes sociais. E sendo o domingo o receptáculo institucional da preguiça, é evidente que o domingo de um professor não é o domingo de um operário, de um executivo ou de um médico.

Porém, como aponta, fora o problema sociológico, se coloca o problema histórico do papel do dia semanal, seja domingo, sábado ou sexta-feira: o problema da “preguiça” ritualizada. Barthes (1995, p.120) observa que, infelizmente, desde o momento que as pessoas estão obrigadas a submeter-se a esse rito de interdição, sofrem pelo estado de “não fazer nada”. A preguiça, porque vem do exterior, porque é imposta, se converte num suplício o qual denomina-se chatice ou aborrecimento.

O terrível com a preguiça, prosseguindo com o autor, é que ela pode ser a coisa mais trivial, estereotipada, a menos pensada do mundo, assim como pode ser a melhor pensada. Ela poderia se constituir, segundo suas proposições, numa alta solução filosófica contra os males. Porém mostra-se cada vez mais intolerável, como se na verdade se tratasse do grande mal.

Assim, observa, o domingo pode ser um dia feliz se for um dia em branco, silencioso, onde se pode ser preguiçoso, isto é, livre. Pois, no final das contas, a forma prometida da preguiça moderna é finalmente a liberdade.

Barthes (1995) nos oferece a oportunidade para refletirmos sobre a preguiça através de provocações conduzindo-nos a uma possibilidade de introduzir na discussão o aspecto da sensibilidade e envolvimento serenos no processo de nossas vidas. Assim, nos traz um poema zen, deslumbrante por sua simplicidade, o qual representa a definição poética da preguiça com a qual o autor sonhava:

Sentado calmamente sem fazer nada  
A primavera chega  
E a erva cresce por si mesma.

Isso nos conduz sobre o envolvimento dos sentidos e sentimentos na relação com o tema que está sendo abordado e o qual será tratado em seguida

### **Desacelerando, Sentindo e Percebendo**

Talvez seja quando o sentido de urgência  
seja mais premente que convém  
por em jogo uma estratégia da lentidão  
(Maffesoli, 2001)

Algumas experiências efêmeras vivenciadas nos finais de semana talvez pudessem ser melhor interpretadas se nos preocupássemos mais com as informações obtidas através de nossos sentidos. Deixamos escapar imagens e idéias as quais

poderiam ser mais originais, a favor da utilização de chavões para expressar avaliações e julgamentos de nossas experiências, devido a negligência pelas informações provenientes dos sentidos, as quais poderiam contribuir de forma mais íntima para uma interpretação mais envolvente do meio que nos cerca.

Não temos dificuldades para narrarmos fatos e acontecimentos, como por exemplo para descrever um passeio de domingo ao parque com as crianças e dois cachorros, em um carro e dados sobre a temperatura. Sabemos o que admirar: o lago, os patos, as árvores. Porém temos dificuldade em expressar nossas experiências íntimas com o lugar, como aponta Tuan (1983, p.162-163), e sempre utilizamos palavras evasivas para descrevê-las. A singularidade de certas sensações passa despercebida como por exemplo, a sensação da luz quente do sol batendo nas costas enquanto se olhava o lago ou a carícia do vento enquanto se andava pelo bosque. Sensações percebidas com o “canto dos olhos”.

A preocupação com o corpo no último século, foi centrada no exercício dos grandes músculos, tendões e articulações, preparando-o para certa agilidade e velocidade. Também porque a visibilidade do corpo (o que pode ser medido e quantificado) recebeu uma valoração diferenciada em relação aos seus aspectos não visíveis como as emoções (muito relacionadas aos sentidos) e os sentimentos; fruto da racionalidade de determinada ciência. Precisamos refinar nossa sensibilidade exercitando mais nossos sentidos e sentimentos para resgatar a possibilidade de expressarmos de modo mais fluído nossas próprias experiências pessoais.

Esse exercício requer a espera da chegada das sensações, sua interpretação e compreensão. Exige certa lentidão para o amadurecimento das idéias e aqui me aproximo novamente da idéia de preguiça desenvolvida por Barthes (1995).

A preguiça tem algo de poético, pois o poeta deve vivenciá-la para escrever poemas e poesias. Assunto tão bem explorado no filme de Michael Radford “O carteiro e o poeta”, onde o poeta aconselha o carteiro a ganhar inspiração olhando um por de sol, caminhando na praia ou sentindo o vento ao invés de ficar sentado frente a uma folha de papel e pretender escrever poesia usando somente o intelecto. A poesia depende dos sentidos e sentimentos e da maneira de saber degustá-los.

A esse respeito, Barthes (1995) traz o trabalho de Proust intitulada “Em busca do tempo perdido”, onde este último desenvolve sua obra em companhia da memória involuntária, do livre remontar das recordações, das sensações, o que implica evidentemente numa espécie de preguiça; pois se deixa desfazer pelas recordações. Ao contrário; reencontraria uma memória voluntária.

Para entender melhor esse argumento em relação à obra de Proust (2004, p.15), é interessante ressaltar uma passagem onde o autor, tomando chá na casa de sua mãe, saboreia uma madeleine (espécie de bolo) lentamente em sua boca, exercitando certa preguiça:

Um prazer delicioso me invadiu, isolado, sem noção de sua causa.

De onde viera aquela alegria?

Sentia que estava ligada ao sabor do chá e do bolo, mas que o transcendia infinitamente, não devia ser da mesma natureza.

A verdade que busco evidentemente não está no sabor, mas em mim.

Ela a despertou em mim (...).

Tudo bem, o que palpita no fundo de mim deve ser a imagem, a recordação visual, que, ligada a esse sabor, tenta trazê-la a mim.

Alcançará a superfície de minha consciência lúcida esta lembrança, o instante remoto.

No momento seguinte, Proust (2004, p.16) através dessa experiência dos sentidos, permitindo a colaboração da preguiça para a recomposição dos fatos, prossegue:

...E assim como naquele passatempo com que os japoneses se divertem mergulhando num recipiente de porcelana cheio d'água pequenos pedaços de papel até então indistintos que, assim que empapados, se esticam, conformam, colorem, diferenciam, tornam-se flores, casas de personagens consistentes e reconhecíveis, do mesmo modo agora todas as flores do nosso jardim e as do parque do Sr. Swann, e as ninféias do Vivonne, e a boa gente da aldeia e suas pequenas casas e a igreja e toda Combray e arredores e tudo isso que adquire forma e solidez saiu, cidade e jardins, da minha xícara de chá.

O livro de Proust é todo um vaguear por lembranças, um deambular por alamedas da memória, onde as percepções e as emoções servem de guia para cursar as trilhas das lembranças. O ritmo é lento, sem pressa, onde o exercício dos sentidos ganha expressão constante em toda a narração.

Podemos buscar semelhanças desse exercício, retomando a experiência do flâneur. Featherstone (2000, p. 189) mostra como esse personagem era importante para Benjamin, pois apontava para a posição central da locomoção da vida social, uma vez sendo constantemente invadido por ondas de experiências novas, tanto quanto desenvolvia novas percepções ao cruzar a paisagem urbana e as multidões. Falar do flâneur, portanto, levanta uma série de questões sobre a natureza da vida pública, como também sobre a relação entre a experiência estética dos espaços públicos e as possibilidades que esses mesmos espaços apresentam para a cidadania. Esse personagem busca uma imersão nas sensações da cidade para “banhar-se na multidão”, perder-se nas sensações e sucumbir ao ritmo arrastado (e, portanto preguiçoso) dos desejos aleatórios, entregando-se ao jogo dos fluxos precognitivos de impressões, associações e lembranças informais.

Aqui vale também uma aproximação com o belo texto de Baudelaire (1997, p. 21) “Sobre a modernidade” (o qual explorei num artigo recente<sup>3</sup>), onde ele divaga sobre o “espírito curioso do homem moderno”, aquele observador apaixonado e imparcial, possuindo percepção aguda e mágica porém não ingênua. Um eu insaciável do não-eu, “que a cada instante o revela e o exprime em imagens mais vivas do que a própria vida, sempre instável e fugidia”:

Assim como o flâneur teve seu auge em Paris do século XIX, o mesmo século segundo Rybczynski (2000, p.93) levou a sério “um passeio no parque”, pois andar fazia bem ao corpo e melhorava o espírito. Segundo este último autor, os primeiros parques públicos foram apenas para caminhar, sem oferecer outros atrativos.

Hillman (1993, p.54) igualmente vem afirmar essa predileção pelo caminhar (passar) na Europa dessa época, principalmente em jardins, onde olhos e pés deveriam ficar satisfeitos: “os olhos para ver, os pés para atravessar; os olhos para abarcar e conhecer o todo e os pés para permanecer nele e vivenciá-lo”. Os pés não devem tornar-se escravos dos olhos, pois se isto ocorrer o caminhar torna-se enfadonho, mera questão de cobrir distâncias, como acontece quando devemos atravessar um longo estacionamento.

Caminhar pode tranquilizar e se constituir num exercício das idéias, assunto este nos reaproximando de De Grazia (BRUHNS, 2002), o qual indica uma simples caminhada ao ar livre como possibilidade de vivenciar o lazer, não necessitando de mercadorias ou bens.

O caminhar assim como a arte, a leitura, ouvir música e tantas outras experiências similares, as quais exercitam o ritmo da preguiça, podem ampliar a reflexão sobre a vida e desenvolver uma capacidade poética e lúdica<sup>4</sup>. Revigorando a imaginação, aguçam os sentidos e estimulam uma relação de aproximação com os elementos que nos cercam.

### Buscando Aproximações entre Regras e Exceções

Fica decretado que todos os dias da semana, inclusive as terças-feiras mais cinzentas, têm direito a converter-se em manhã de domingo. (“Os estatutos do homem”, Thiago de Mello)

Embora seja quase impossível reverter o fato do fim de semana constituir-se num repouso imposto pela racionalização do tempo, como todo o lazer contemporâneo, podemos de certa forma, tentar amenizar essa contraposição lazer/trabalho, a partir do entendimento de que uma simples instituição do tempo não garante

<sup>3</sup> Artigo “Explorando o lazer contemporâneo: entre a razão e a emoção”

<sup>4</sup> Desenvolvi esse assunto no capítulo “Ecoturismo e caminhada: na trilha das idéias” o qual encontra-se no livro “Lazer, viagens e esporte: o espaço da natureza” (prelo- Ed. Manole)

o repouso, muito menos uma vida mais sossegada (ou preguiçosa como queiram).

O final de semana tem se convertido numa exceção muitas vezes bastante radical em relação ao cotidiano a ponto de algumas pessoas identificarem o domingo como um dia onde tudo está "morto", no sentido de oposição à "vida" ocorrida no decorrer de toda a semana. Isso porque você sai na rua e encontra estabelecimentos comerciais e serviços em geral fechados, causando uma sensação de luto ou ausência de vida, de movimento, de circulação de pessoas, provocando certo "vazio".

Talvez a diluição do final de semana nos dias da semana amenizasse um pouco essa exceção; se fosse incorporado à regra, ou seja, ao cotidiano, resultando vida mais pausada. Uma espécie de domingo dissolvido no decorrer dos dias.

Enquanto a folga ou o repouso for vivido na relação com o trabalho, será difícil escapar do seu significado como merecimento, cumprimento do dever ou algo similar, quando na realidade deveríamos entender a folga com um sentido próprio, não instrumentalizando-a em função de influências e metas externas.

Como nos lembra De Grazia (BRUHNS, 2002) o tempo desocupado, sem um fim em si mesmo senão em sua relação com o trabalho, não possui uma existência separada. Se aumentar, provoca desestrutura e insegurança no trabalhador convertendo-se numa falta de finalidade de vida, como já dito: Se lhe é oferecido escolher, pedirá imediatamente mais trabalho, sobretudo se vai junto com a promessa de ascensão social ou possibilidade de aumento no consumo.

Podemos aqui reintroduzir Barthes (1995) na sua constatação sobre a possibilidade da preguiça não significar necessariamente "não fazer nada" como, por exemplo, permanecermos deitados numa cama parados durante horas, pois somos incapazes disso, senão em cortar o tempo seguidamente, diversificá-lo. Isso significaria, por exemplo, introduzir diversões no trabalho (o que implicaria na alteração do próprio trabalho). Seria uma maneira de fazer-se preguiçoso e talvez, quem sabe, resgatar a importância de exercitar nossos sentidos e emoções.

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. Fragmentos de um discurso perezoso. In: Baigorria, Osvaldo (Org.). *Argumentos para la sociedad Del ocio*: Com el sudor de tu frente. Buenos Aires, 1995.
- BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a Modernidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- BRUHNS, Heloisa T. De Grazia e o lazer como isenção de obrigações. In: Bruhns, Heloisa T. (Org.). *Lazer e Ciências Sociais*: Diálogos pertinentes. São Paulo: Chronos, 2002.

- BRUHNS, Heloisa Turini. Explorando o lazer: entre a razão e a emoção. *Movimento*, Porto Alegre (RS), vol. 10, n. 2, maio/agosto, p. 93-104, 2004.
- BRYSON, Bill. *Uma caminhada na floresta*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- FEATHERSTONE, Mike O flâneur; a cidade e a vida pública virtual. In: Arantes, A.A. (Org.) *O espaço da diferença*. Campinas: Papirus, 2000.
- FORJAZ, M. Cecília. Lazer e consumo cultural das elites. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vértice/ Anpocs n. 6, vol. 3, fev., 1988.
- HILLMAN, James. Caminhar. In: HILLMAN, James (Org.). *Cidade e alma*. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- MACEDO, Carmen Cinira; FIGUEIREDO, Luis M. Domingo na praia: a dimensão simbólica do lazer popular. *Reflexão*, ano XI, n 35, 1986.
- MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. São Paulo: Record, 2001.
- MAGNANI, José G. C. *A festa no pedaço*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MELLO, Thiago de. *Faz escuro mas eu canto*. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido: No caminho de Swan - Combray* Adaptação e desenhos: Stéphane Heuet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- RYBCZYNSKI, Witold. *Esperando o fim de semana*. São Paulo: Record, 2000.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*. São Paulo: Difel, 1983.
- VANEIGEM, Raoul. Contra a produtividade. In: Baigorria, Osvaldo (Org.). *Argumentos para la sociedad Del ocio: Com el sudor de tu frente*. Buenos Aires, 1995.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1967.
- WILDE, Oscar. Alabanza de la contemplación. In: Baigorria, Osvaldo. (Org.). *Argumentos para la sociedad Del ocio: Com el sudor de tu frente*. Buenos Aires, 1995.

**ABSTRACT:** This article intends to develop considerations about the weekend and their relations with the rest. For this, it explores the contradictions which are present in the institution of this imposed break by the modern industrial society, as well as it seeks elements in order to introduce the laziness as an interesting element to think over the weekend.

**KEYWORDS:** Leisure. Weekend. Rest

---

**Endereço da autora:** Heloisa Turini Bruhns **Recebido em:** 24/02/2005

Heloisa Turini Bruhns **Aceito em:** 26/04/2005

Departamento Estudos do Lazer

Caixa Postal 6542

Cep 13084-970 - Campinas - SP

E-mail: luabola@uol.com.br